



EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ERA DO MULTILETRAMENTO

EDUCATION FOR THE 21ST CENTURY: PEDAGOGICAL PRACTICES IN THE ERA OF MULTILITERACIES

DOI: 10.5281/zenodo.20174456



Sheylla Chediak¹

Thalyta Karina Correia Chediak²

Jackeline Chediak Silva³

Sorhaya Chediak⁴

RESUMO

Este artigo visa apresentar uma discussão teórica sobre a evolução da escrita e leitura, considerando o letramento digital como importante habilidade para a Educação do Século XXI e a Pedagogia do Multiletramento como fundamentação para a prática pedagógica. O procedimento metodológico partiu de pesquisa bibliográfica considerando principalmente autores como Burke (2002), Chartier (1999), Lévy (1999), Rojo (2012), Xavier (2011), Duarte e Martins (2013), Martins (2013) e Turcke (2010). A partir dessa discussão, buscamos desvelar de forma crítica alguns fenômenos inerentes aos fundamentos da Pedagogia do Multiletramento e propor algumas formas de superação. As tecnologias digitais têm feito emergir novas formas de leitura, escrita, comportamento e relacionamento. A escola encontra-se no epicentro das mudanças sociais e recebe todas as demandas e influências postas pelas transformações, inclusive da inteligência artificial que, por sua vez, tem feito emergir novas formas de

1 Doutora em Educação Escolar - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP. Mestre em Psicologia Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5671929711906821>

2 Mestra em Educação pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Mestranda em Direito e Justiça Social pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5436795886758164>

3 Mestra em Educação pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Graduada em Pedagogia pela Faculdade Interamericana de Porto Velho (2012). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1413288352740837>

4 Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC. Mestra em Letras pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Especialização em Linguística Aplicada à Produção de texto - UNIRON. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9099439257724211>





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

leitura. Sendo assim, seu papel de tornar o estudante capaz de exercer sua cidadania expande-se também para o ciberespaço. A discussão dos dados aponta para a necessidade de mais estudos, tendo em vista que a introdução das tecnologias digitais em sua forma mais interativa, colaborativa e flexível ainda é recente e o seu uso indiscriminado pode colocar em risco o desenvolvimento da leitura, da escrita, e da produção do conhecimento.

Palavras-chave: Multiletramentos. Letramento digital. Pedagogia da Superação

ABSTRACT

This article aims to present a theoretical discussion on the evolution of writing and reading, considering digital literacy as an important skill for 21st-century Education and the Pedagogy of Multiliteracies as a foundation for pedagogical practice. The methodological procedure was based on bibliographical research, mainly considering authors such as Burke (2002), Chartier (1999), Lévy (1999), Rojo (2012), Xavier (2011), Duarte and Martins (2013), Martins (2013), and Turcke (2010). Based on this discussion, we seek to critically unveil some phenomena inherent to the foundations of the Pedagogy of Multiliteracies and propose possible ways to overcome them. Digital technologies have given rise to new forms of reading, writing, behavior, and relationships. Schools are at the epicenter of social changes and receive all the demands and influences brought about by these transformations, including artificial intelligence, which has also fostered new forms of reading. Therefore, the role of schools in enabling students to exercise their citizenship also extends into cyberspace. The discussion of the data points to the need for further studies, considering that the introduction of digital technologies in their more interactive, collaborative, and flexible forms is still recent, and their indiscriminate use may jeopardize the development of reading, writing, and knowledge production.

Keywords: Multiliteracies. Digital literacy. Pedagogy of Overcoming.

1. INTRODUÇÃO

Desde o final do século XX há uma intensificação na discussão sobre mudanças de paradigmas na Educação. Muitas tendências atuais seguem os princípios defendidos pela Escola Nova, período renovador que se contrapôs a Pedagogia Tradicional, iniciado ainda no final do Século XIX (Narváez, 2006).

A Educação se coloca como centro dos grandes acontecimentos em diversas áreas, sejam elas no âmbito econômico, tecnológico, político etc. Todos esses movimentos geram

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

demandas que se integram de alguma forma, não sendo sempre possível afirmar de onde exatamente cada demanda surge.

As tecnologias digitais, por exemplo, se integram às demandas econômicas e políticas e geram necessidades de avanço. Ou seria a educação a mola propulsora desse avanço? Com esse avanço, novas formas de relacionamento social surgem, bem como novas formas de leitura, escrita, interação e comportamento.

A introdução da web 2.0, ao final do século XX promoveu uma interação mais flexível e aberta. A colaboração e criatividade emergem então como novas necessidades na web com novas características. Vivenciamos desde então mudanças significativas nas formas de relacionamento, de leitura, escrita e demandas das então chamadas habilidades/competências para o século XXI. Semelhante processo ocorreu na Europa a partir da invenção da imprensa por Gutenberg (Burke, 2002). Além de diversos receios sociais, especialmente ligados ao fim de algumas profissões e advento de novas, a imprensa também instituiu novas formas de leitura, escrita e possibilidades de alcance de um público maior, viabilizando movimentos sociais de grandes impactos.

Não é novo o assunto acerca das tecnologias e a influência que exercem na economia e política, bem como na educação. Novas são as influências que cada tecnologia pode exercer. A Pedagogia dos Multiletramentos, apresentada por Rojo (2012), é um assunto que ainda exige muita discussão, tendo em vista que sua relação com outros aspectos no entorno da escola e da educação ainda não estão claros e, no entanto, diversas formações discursivas emergem, criando práticas pedagógicas, ou no mínimo discursos hegemônicos. Essa discussão torna-se ainda mais relevante por registrar um momento histórico e fornecer subsídios para a compreensão de processos que ainda se desenvolveram, considerando que novas tecnologias surgirão e, com isso, novas formas de leitura e escrita ainda podem surgir.

O presente artigo objetiva discutir a Pedagogia dos Multiletramentos e mais especificamente o letramento digital como uma necessidade trazida pela introdução de novas tecnologias, como por exemplo a Inteligência Artificial, e interação com outros campos sociais, como o econômico e político, que por sua vez refletem na educação, produzindo

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





novas formas de ensinar e aprender. A ideia de colocar em tensão algumas discussões teóricas pretende desvelar alguns discursos em busca propor soluções, como a de identificar e superar as lacunas da Pedagogia dos Multiletramentos tomando a educação como uma ação política de emancipação e participação cidadã.

Para tanto, propomos análises a partir de um estudo bibliográfico, considerando principalmente autores como Burke (2002) e Chartier (1999) para explicar a evolução da escrita, Lévy (1999) para abordar a questão da produção de informações no ciberespaço. Rojo (2012) e Xavier (2011) foram tomados como referência para estudos sobre a Pedagogia do Multiletramento e o letramento digital. Em Duarte e Martins (2013) e Martins (2013) buscamos compreender as influências do multiculturalismo na Educação e a maneira como ele influencia e cria a Pedagogia do Multiletramento. Turcke (2010) discute a questão da hiperinflação imagética, causada pelas tecnologias digitais, e como ela tem mudado nossa percepção e sensação.

2. A EVOLUÇÃO DA ESCRITA E DA LEITURA

Ao abordarmos uma grande invenção e as mudanças advindas dela tendemos a imaginar as vantagens dessa condição. Burke (2002), porém, discute sobre os impactos da “invenção” da imprensa na Europa por Gutenberg e as consequências tidas na época como negativas. Atualmente, temos mais clareza das consequências e podemos tomar esse exemplo para refletir sobre as vantagens e desvantagens das transformações nos modos de leitura e escrita que se dão especialmente a partir das mudanças de suportes de escrita, ou seja mudanças dos portadores do texto, sejam eles físicos ou virtuais, tomando a definição de Marcuschi (2003), suporte é “...um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como textos (p.8)”.

Burke (2002) argumenta que problemas da inovação trouxeram vários medos para profissionais da época, já que viram suas profissões ameaçadas, tais como os papeleiros, copistas, os contadores de histórias etc. Os eclesiásticos tinham medo de que as pessoas





começassem a ler a bíblia e fizessem suas próprias interpretações, e não se submetessem mais às normas da igreja. Governos também começaram a ser criticados na imprensa, o medo que se assemelhava ao da igreja.

Dentre os problemas advindos da invenção da imprensa de Gutemberg, Burke (2002) destacou os erros tipográficos, a escassez de livros na Alta Idade Média, logo após excesso de livros impossibilitando a leitura de todos eles, nem mesmo de seus títulos, o que causava certa frustração. Além disso, outros problemas surgiram, como a organização dos livros nas bibliotecas e a questão do acesso no início do século XVII, já que os leitores não sabiam em que biblioteca poderia encontrar determinado livro etc.

As soluções para tais problemas trouxeram muitos modelos que hoje conhecemos, desde o aparecimento de resenhas no século XVII, os livros de consultas: dicionários, atlas, cronologias, enciclopédias etc. Também a organização dos livros: sumários, ordem alfabética (que já existia, mas passou a ser comumente usada) em substituição à ordem de assuntos, a organização por capítulos etc. O aparecimento de gêneros textuais, de profissões como catalogadores, bibliotecários, revisor, editor, indexadores, compiladores etc. O aparecimento de novos vocábulos, tais como “referir-se”, “consultar”, “ler superficialmente” e “pular” (p.179).

Burke (2002) afirma que “Todas essas soluções de problemas criaram outros problemas e provocaram grandes mudanças nos estilos de leitura, escrita e organização de informações (p.179)”, criando por exemplo as modalidades de leitura “intensiva” e “extensiva”, também mencionadas por Chartier (1999). A primeira refere-se a leitura mais intensa, “O leitor intensivo é confrontado a um corpus limitado e fechado de textos, lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e conhecidos de cor, transmitidos de geração a geração (Chartier, 1999, p. 99)”. Já o leitor extensivo é denominado por Chartier (1999) como aquele que “...consome impressos numerosos e diversos; ele os lê com avidez e velocidade; ele exerce em seu lugar uma atividade crítica que não se omite frente a qualquer domínio ou dúvida metodológica (p.99-100)”. A mudança nos estilos de leitura também ensejou alterações na escrita, como por exemplo o surgimento da nota de rodapé.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Desta forma, as mudanças não ensejaram alterações somente no campo da leitura, escrita e organização da informação, mas também mais amplamente no campo social e intelectual, já que houve também o surgimento de novas relações de trabalho e estilos de estudo/pesquisa. Por outro lado, não se pode negar que as transformações não ocorrem de maneira unidirecional, pois a própria política e economia produzem novas formas de trabalho, de organização dos instrumentos e técnicas criadas pela humanidade.

É interessante comparar esse momento do aparecimento da imprensa na Europa ao surgimento do fenômeno denominado Cibercultura, por Lévy (1999), da mídia eletrônica e do conhecimento distribuído e acessível em rede, de maneira anárquica. O autor define o termo como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (p.17)”.

Com o advento da internet, em especial com o surgimento da web 2.0, mais interativa, aberta e flexível, enfrentamos problemas semelhantes como a organização das informações em rede, do excesso de dados e a dificuldade de acessar/selecionar a informação que precisamos, o medo de muitos profissionais do possível “desaparecimento” de livros físicos etc. Além disso, a ideia de hipertextualidade traz o medo da leitura superficial, já que em um clique estamos diante de uma informação que, por hora, nos chama mais atenção, nos desviando do texto que estávamos lendo para mergulhar em um texto dentro dele. Isso ocorre devido ao “dilúvio”, termo utilizado por Lévy (1999), referindo-se ao volume de informações na web.

Burke (2002) coloca em discussão a questão da fragmentação do saber, cada vez mais espalhado, mais disperso, tornando a associação de Bacon da imprensa com a pansofia (todo o saber humano) cada vez mais irônica, já que a própria imprensa tornou a pansofia um ideal inalcançável. Com a intensa ampliação do ciberespaço esse ideal tornou-se ao mesmo tempo impossível, em relação ao acesso global, e possível em relação a sua localização. O autor afirma “Talvez tenha ocorrido um avanço do conhecimento no nível coletivo, no sentido de que foram feitas novas descobertas e de que mais informação foi disponibilizada em materiais

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





impressos. Mas no nível do indivíduo houve uma séria perda (p.183)”. Realidade lamentável posta, em um momento em que a leitura superficial está cada vez mais em alta e o estudo intensivo cada vez mais raro, podendo impactar o desenvolvimento do psiquismo humano cada vez mais.

Ao discutir as possíveis soluções para essa anarquia, Lévy (1999) propõe duas soluções: a primeira refere-se ao extermínio do dilúvio, ou seja, ao excesso de informação – e já refuta tal possibilidade, já que caracteriza-se como desprezo as formas de produção/relação humana o que reduziria a espécie – e a outra refere-se a exaltação do ser humano, implicando “o reconhecimento do outro, a aceitação e ajuda mútuas, a cooperação, a associação, a negociação, para além das diferenças de pontos de vista e de interesses (p.14)” – aspectos possibilitados pelas telecomunicações.

Lévy (1999) também destaca a questão do volume de informações da web e a necessidade de ensinarmos as gerações a navegar nos dados – “Temos que ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar (p.15)”. Daí podemos destacar, a partir dessa perspectiva, a importância do letramento digital. Chartier (1999) resgata uma trajetória para explicar a história da produção do livro/da escrita e coloca em questão a revolução duvidosa do códex à tela, que é vista por muitos como uma vantagem e por outros como uma desvantagem, tendo em vista o potencial de transformação nas modalidades de produção da escrita e da leitura, bem como em suas formas de transmissão e recepção.

A primeira questão levantada pelo autor é “como situar, na longa história do livro, da leitura e de suas relações com o escrito, a revolução anunciada – e de fato já iniciada – que faz a passagem do livro (ou do objeto escrito) tal como o conhecemos, com seus cadernos, suas folhas, suas páginas, para o texto eletrônico e a leitura na tela?”

Para Chartier (1999), a primeira revolução da escrita foi a técnica. Nos meados do século XV, com os caracteres móveis e a imprensa de Gutenberg modificou o modo de reprodução do texto, no entanto não mudou o formato do livro, que já havia passado do rolo para o códex e teve seu número igualado ao rolo entre os séculos III e IV. Isso permitiu uma localização mais fácil de informações, um novo modo de ler e empregar técnicas intelectuais,





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

como por exemplo folhear, ler e escrever ao mesmo tempo, já que o formato códex permitia colocar o livro sobre uma mesa. Ele aponta que a imprensa europeia não foi o único modelo ou o melhor de imprensa, já que no Oriente, em países como China, Japão e Coreia, já havia a utilização de caracteres móveis antes mesmo de Gutenberg, no século XI na China os caracteres em terracota e no século XII na Coreia os textos impressos com caracteres metálicos. Além disso, Chartier menciona também a técnica de xilografia, texto impresso em madeira, já presente na China nos meados do século VIII e no final do século IX na China.

A revolução atual do texto, segundo Chartier (1999) é mais expressiva do que a revolução de Gutenberg, isso porque modificou não somente a forma de reprodução de textos, mas o suporte e as formas de transmitir o texto escrito – “Com a tela, substituída do códex, a transformação é mais radical, pois são os modos de organização, de estruturação, de consulta ao suporte do escrito que se modificam (p.98)”. No entanto, Chartier (1999) não nega a constatação de que houve uma revolução na leitura na segunda metade do século XVIII.

No entanto, não podemos comparar as revoluções, seja ela a da imprensa ou a revolução das tecnologias digitais, como mais ou menos importante. O advento da imprensa trouxe para o ocidente não somente novas formas de leitura e escrita, mas mudanças sociais e intelectuais, muitas que permanecem até os dias de hoje e engendraram modificações que nos levaram aos modelos atuais.

Chartier (1999) aborda as transformações do ato da leitura e das funções da escrita. Ao longo da história, a leitura passou de uma frequência mais silenciosa para uma leitura mais oralizada e relacionou essas formas com o que é culturalmente convencional para cada período histórico e com a própria função da escrita – desde conservação e memorização, ao trabalho intelectual e à popularização com a disponibilização dela a partir do comércio de livros. Ou seja, há uma relação estreita entre os modos de leitura e a função da escrita ao longo da história, engendrando novas formas de leitura, tais como a leitura intensiva e extensiva.

Com a revolução do texto eletrônico, os modos de leitura se modificaram. O leitor não se encontra mais fixo a um texto. Vastas possibilidades se abrem quando a materialidade do

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





texto passa para a imaterialidade de um texto sem lugar fixo, modificando não somente as formas de leitura, mas a relação do leitor com a escrita, ampliando também “novas técnicas intelectuais (p.101)”. Apesar dos inúmeros benefícios, Chartier (1999) aponta também a importância da compreensão da história para a orientação da revolução eletrônica no presente, a fim de avaliarmos as formas de transmissão e recepção e as possibilidades de usos e interpretações. Além da reflexão acerca da história, também aponta a reflexão filosófica e jurídica como necessárias para esta orientação.

Neste sentido, o autor destacou o que para ele é uma grande lição: “...a possível transferência do patrimônio escrito de um suporte ao outro, do códex para a tela, inaugura imensas possibilidades, mas será também uma violência contra os textos, assim separados de formas que contribuíram para construir as suas significações históricas (p. 106).” Desta forma, além da violência contra o texto no ciberespaço, ele também argumenta o risco de “perda da inteligibilidade de uma cultura textual ou um antigo elo essencial, a ligar o próprio conceito de texto a uma forma particular de livro: o códex (p.106)”. Somente através da preservação da “inteligência da cultura do códex (p.107)” é que podemos alcançar a tão prometida “felicidade extravagante” da era dos textos eletrônicos.

Assim, observa-se que as habilidades para o século XXI, tema bastante discutido desde o final do século XX, estão ligadas diretamente com a forma de organização econômica na qual nossa sociedade está inserida. O capital determina as necessidades do mundo do trabalho. Com a introdução das tecnologias digitais, é necessário que pessoas estejam preparadas para assumir e se inserirem como um cidadão no espaço e no ciberespaço.

3. LETRAMENTO DIGITAL: AS TIC E SUAS INFLUÊNCIAS

As TIC têm influenciado nas mudanças do modo de ensinar e aprender, tendo em vista que trazem “...para a prática pedagógica formas mais dinâmicas de implementar modos colaborativos ou reflexivos de ensinar e aprender (Braga, 2013, p.58)”. No entanto, muitas mudanças não são efetivas e não se tornam práticas de exploração de todo o potencial das TIC





ou, ainda, há muita fetichização, como se apenas usar as tecnologias, sem refletir sobre as concepções embutidas nas práticas pedagógicas, pudessem fazer diferença no processo de ensino e aprendizagem.

A exemplo, Braga (2013) menciona a utilização de um powerpoint apenas para projeção, assim como era o retroprojetor, ou a lousa interativa como lousa comum. Ou seja, a tecnologia em si não traz mudança para o ensino – “Na realidade, as mudanças não são determinadas pelas mídias, mas sim pela perspectiva pedagógica adotada e pela exploração efetiva e criativa dos recursos que o meio oferece (p.59)” - e as possibilidades de uso a partir de tal perspectiva.

Neste sentido, é possível observar a expansão das ferramentas de inteligência artificial no contexto educacional, com promessas de otimização da aprendizagem. Contudo, sob uma perspectiva crítica, é necessário refletir sobre os limites do uso dessas tecnologias, especialmente quando utilizadas de forma mecânica e acrítica, pois pode reduzir o processo educativo à automatização de respostas e à reprodução de conteúdos.

Com o advento da *Web 2.0* diversas possibilidades têm sido ainda mais comuns para a educação, os recursos permitem a exploração interminável de informações que podem auxiliar na aprendizagem. Não há necessidade de armazenar no cérebro humano tantas informações, pois a Internet organiza e armazena, sobra então “espaço” para a construção de conhecimento. Sendo assim, “... o aluno hoje, mais do que conteúdo, precisa ser educado para o desenvolvimento de olhares críticos e habilidades e estratégias que lhe permitam discriminar a natureza dos problemas práticos (Braga, 2013, p.62)”.

Nesse cenário, a inteligência artificial amplia ainda mais o debate acerca da relação entre memória e aprendizagem. Pois, ee, por um lado, sistemas inteligentes facilitam o acesso imediato à informação e a produção textual, por outro, surge a preocupação de que a dependência excessiva dessas ferramentas possa enfraquecer processos fundamentais ao desenvolvimento humano, como a leitura, a escrita, a capacidade argumentativa e até mesmo a elaboração crítica do pensamento. Martins (2013) explica que o empobrecimento na





complexificação do domínio da língua corresponde ao empobrecimento do domínio do pensamento.

As redes sociais promovem oportunidades de interação e ajuda mútua em rede. O aluno pode “descobrir” muita coisa em rede. Braga (2013) explica que cabe à escola auxiliar o aluno a desenvolver estratégias para lidar com a Internet, dentre elas: saber buscar e selecionar informações, desenvolver competências para integrar conhecimentos e desenvolver senso crítico para avaliar suas escolhas e posicionamento ideológico. Xavier (2007) explica que esse novo paradigma de letramento “...considera a necessidade dos (sic.) indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos... (p.01).” Essa capacitação envolve o uso das novas TICs e das tecnologias digitais.

A necessidade vai além da uma demanda do capital, mas se apresenta hoje como uma necessidade de “sobrevivência” no mundo digital e, por influência dele, podemos dizer até no mundo concreto.

Ao abordar questões sobre o letramento e a alfabetização Xavier (2007), busca definir letramento e letramento digital, as novas demandas para o ensino e para o professor, em especial a demanda de “um novo jeito de ensinar”, as novas maneiras de realizar leitura e escrita, os diferentes tipos de letramento, a relação da prática social, eventos de letramento e gêneros textuais/digitais, o uso do hipertexto e as habilidades que os estudantes desenvolvem a partir de seu uso e, por fim, as condições de desigualdades na sociedade que acabam impedindo muitos cidadãos de exercerem a plena cidadania.

Sobre a diferença entre letramento e alfabetização, Xavier (2007) toma os conceitos de Kleiman (1995) e Soares (1998), ambas mencionadas por ele no texto, que colocam a alfabetização como o processo de decodificar signos e de letramento como um processo para além da decodificação, mas a utilização da leitura/escrita nas práticas sociais. Já o letramento digital implica a leitura em diferentes suportes e gêneros digitais – “Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos (Xavier, 2007, p.2).





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Em relação “ao novo jeito de ensinar”, Xavier (2007) destaca algumas características como por exemplo a aprendizagem centrada no estudante, a participação ativa do aluno, o trabalho coletivo, o papel articulador do professor, um ensino mais dinâmico e a necessidade de o aluno aprender a aprender. A mudança no perfil do aluno tem também contribuído para determinar esse novo jeito de ensinar. Xavier (2007) discute também algumas características que essa geração que tem crescido na rede de computadores pode desenvolver: apresentam mais autonomia e independência na aprendizagem, estão mais preocupados com acontecimentos globais, são mais curiosos e investigativos, contestam mais, podem ser mais imediatistas e instantâneos na busca de soluções.

Essas mudanças trazidas pela rede têm também produzido novas formas de ler e escrever, originando diferentes tipos de letramento: letramento computacional, letramento fílmico etc. (Xavier, 2007), o que não diminui a importância do letramento alfabético, ao contrário. Neste contexto é importante considerar os gêneros digitais, sejam eles os fóruns, e-mails, listas de discussão etc., tendo em vista que eles medeiam as práticas sociais e eventos de letramento - “...o advento da Internet vem contribuir para o surgimento de práticas sociais e eventos de letramento inéditos, bem como deixa vir à tona gêneros textuais (p.6)”

Um ponto essencial é compreender as diversas teorias sobre o uso das tecnologias digitais na educação e suas influências não somente nos modos de ler, escrever ou de relacionar, mas também como elas podem afetar a mente humana, o processo pelo qual a aprendizagem se dá. Por ser uma condição ainda recente, muitos estudos são necessários.

Turcke (2010) argumenta que a hiperinflação imagética, os sons, os movimentos das multimodalidades produzem o que chama de “picadas óticas”, gerando uma espécie de condicionamento. A repetição, o uso de imagens cada vez mais estimulantes visualmente e possíveis de causar a sensação - a percepção do que chama a atenção - “O que atinge, toca, comove é aquilo que, enquanto injeção, foi agudizando o suficiente o nosso sistema nervoso e, ainda que seja apenas por um instante, chama a atenção (p.20)”. A criação dessa sensação é uma forma de dominação e de percepção, explicado por Turcke (op.cit) como um “emaranhado subjetivo-objetivo (p.78)”. Esse emaranhado cria uma condição de subordinação

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





da sociedade – “Ninguém pode mais perceber e expressar-se senão sob as condições que esse complexo impõe: nenhuma política, nenhuma arte, nenhum saber científico (p.79)”. A percepção deixa então de ser do interlocutor, daquele que lê, ouve, vê.

Nesse sentido, Martins (2013) explica que as funções psíquicas são interdependentes. Sendo assim, o desenvolvimento da sensação está ligado a todas as outras funções. A princípio, ligada à percepção, pode alterar o desenvolvimento do pensamento, da linguagem e da emoção.

As influências das tecnologias digitais assim como trazem novas formas de percepção, de funcionamento das profissões no mundo do trabalho, da economia etc., influenciam novas tendências pedagógicas, associadas ao momento cultural que a humanidade está situada. Também é possível verificar que a inserção da inteligência artificial na educação não deve ocorrer desvinculada da reflexão crítica sobre seus impactos sociais, culturais e cognitivos.

Mais do que incorporar tecnologias ao ambiente escolar, é necessário questionar quais interesses orientam sua utilização e de que maneira elas podem contribuir, ou limitar, processos de emancipação humana, diálogo e construção coletiva do conhecimento.

4. O MULTICULTURALISMO NA EDUCAÇÃO E A PEDAGOGIA DO MULTILETRAMENTO

A cultura escolar pautada na homogeneização é ponto de crítica de muitos autores da Educação. O multiculturalismo defende a luta contra qualquer forma tida como opressora de tentativa de universalização e homogeneização na educação escolar, seja ela cultural, religiosa, étnica, linguística, de orientação sexual etc. Candau (2011) explica que a necessidade de valorização das diferenças no currículo escolar contribuiu para a tendência do multiculturalismo na Educação. Isso se dá também devido aos movimentos sociais em busca de espaço no cenário político. Para a autora, o multiculturalismo na Educação surge da necessidade de romper com o pensamento de que as diferenças podem ser problemas na sala de aula e que a homogeneidade é um fator que facilita o trabalho do professor, gerando





preconceitos, discriminação e desrespeito às diversas culturas, religiões, diferenças étnicas-raciais.

O termo multiletramento foi cunhado a partir da junção de termos, o de multiculturalidade e o de letramento multimodal. Rojo (2012) explica que a discussão acerca da necessidade da pedagogia dos multiletramentos surgiu em 1996 por um grupo de pesquisadores dos Estados Unidos, os quais na ocasião estavam reunidos em Nova Londres e um colóquio. Rojo (op.cit.) explica que o termo multiletramentos ... aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (p.13).

Segundo a autora, a necessidade da Pedagogia do Multiletramento surge das Tecnologias da Informação e Comunicação e também da necessidade de incluir nos currículos a valorização das diferentes culturas presentes nas salas de aula.

Rojo (op.cit.) critica a “a cultura cânone/a cultura de massa” e defende o hibridismo cultural, negando a tarefa da escola de apresentar somente “o cânone”, o central e afirmando que cabe a ela apresentar o que vem da diversidade cultural, da população. Nesse sentido, a autora afirma que para que as culturas sejam valorizadas é necessária uma nova ética que “...não se baseie tanto na propriedade... mas no diálogo entre novos interpretantes (p.16)” e novas estéticas porque deve-se estar aberto às “novas coleções” ou seja, novos gêneros ou linguagens em impressos, mídias digitais ou não etc. Ao criticar a cultura cânone, a autora pretere os conhecimentos construídos historicamente pela humanidade, colocando os conteúdos escolares tidos como clássicos ou universais em um lugar incerto.

Em relação à multimodalidade ou multissemiose dos textos a autora conceitua “...textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar (p.19).” As modalidades semióticas podem ser organizadas de diferentes formas: semiose verbal escrita, semiose verbal em áudio, em imagens dinâmicas, em imagens estáticas, combinadas etc.





Desta forma, para Rojo (op.cit.), o termo multiletramento pode ser utilizado tanto no sentido da “diversidade cultural de produção e circulação de textos” quanto no sentido da “diversidade de linguagens que os constituem” (Rojo, 2012, p.22). Por estar ligado ao modo como os textos são produzidos e circulam, dentro e fora da web, características diversas podem ser atribuídas a ele, como exemplo: são interativos em vários níveis e de vários modos (com textos, imagens, pessoas), colaborativos, transgridem a relação de propriedade, são híbridos, estão nas nuvens, possuem formato em redes.

Importante questionamento está ligado à relação entre as características da internet e os novos modos de ler, escrever e interagir com o outro. Tais características da web estendem-se como necessidades do ser humano, quase que como uma extensão. Como a economia e política caminham de maneira alinhada aos avanços na tecnologia, também é necessário que o indivíduo apresente tais características para que possa realmente inserir-se no mundo do trabalho.

Rojo (2012) defende que a Pedagogia do multiletramentos é importante porque aproxima-se do “paradigma da aprendizagem interativa” ou colaborativa e desenvolve habilidades importantes para esta era: aprendizagem autônoma, flexível, colaborativa, crítica, habilidades necessárias para a era atual. Por isso, é importante que a escola discuta criticamente as novas éticas e estéticas do texto e busque transformar os alunos além de usuários funcionais, também analistas críticos, transformadores e criadores de sentido. Nessa perspectiva, a chamada Pedagogia dos multiletramentos atende tanto aos pressupostos do relatório da Unesco sobre a Educação para o século XXI, quanto às exigências para atuação profissional no mundo do trabalho.

A partir da leitura de Duarte e Martins (2013), poderíamos elencar as principais críticas ao multiculturalismo na educação da seguinte forma: a primeira estaria ligada a associação com o relativismo epistemológico que pode dificultar a ampliação do repertório de estudantes privados de experiências, leituras, conhecimentos, relacionamentos que lhe forneçam condições de compreender além do que já faz parte de seu cotidiano, já que não classifica os conhecimentos tidos como “cânones” ou universais como prioridade no





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

currículo. A segunda, está ligada à segregação de diversos grupos, desviando o foco do que deveria ser a luta da humanidade, por uma nação mais coesa contra a opressão gerada pelo sistema capitalista.

O relativismo defendido pelos multiculturalistas, tanto cultural quanto epistemológico, é inspirado no pós-modernismo. O relativismo cultural está pautado na reflexão acerca da importância da diversidade e da diferença e como torná-las uma vantagem pedagógica. O relativismo epistemológico pauta-se na ideia de que não há conhecimento melhor que outro, sendo assim, o conhecimento produzido por determinada cultura ou religião, por exemplo, pode compor o currículo tanto quanto os conteúdos universais produzidos historicamente.

Duarte e Martins (2013) criticam tendências progressistas, a partir das ideias de Gramsci, como a do relativismo linguístico, que podem apresentar sérias consequências para a formação do professor dos anos iniciais, já que pode impedir que o estudante desenvolva sua linguagem de maneira que outras funções psíquicas, interdependentes, possam também se desenvolver.

Se é verdade que toda linguagem contém os elementos de uma concepção do mundo e de uma cultura, será igualmente verdade que, a partir da linguagem de cada um, é possível julgar da maior ou menor complexidade de sua concepção do mundo. Quem fala somente o dialeto e compreende a língua nacional em graus diversos, participa necessariamente de uma intuição do mundo mais ou menos restrita e provinciana, fossilizada, anacrônica em relação às grandes correntes de pensamento que dominam a história mundial. Seus interesses serão restritos, mais ou menos corporativos ou economicistas, não universais. Se nem sempre é possível aprender outras línguas estrangeiras a fim de colocar-se em contato com vidas culturais diversas, deve-se pelo menos conhecer bem a língua nacional. Uma grande cultura pode traduzir-se na língua de outra grande cultura, isto é, uma grande língua nacional historicamente rica e complexa pode traduzir qualquer outra grande cultura, ou seja, ser uma expressão mundial. Mas com um dialeto não é possível fazer a mesma coisa." (grifos no original) – (Gramsci, 1978, P. 13; Apud Duarte E Martins, 2012)

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Neste sentido, Braga (2013) argumenta que o respeito à diversidade cultural na escola não deveria nos fazer perder a noção do papel da escola de expandir o repertório linguístico do estudante “...cabe à escola o papel de expandir as referências linguísticas e culturais do aprendiz em diferentes direções e favorecer a aquisição da variedade e dos gêneros que circulam nas práticas sociais hegemônicas (p. 53)”.

Desta forma, afirma a autora, o estudante pode participar como agente e interlocutor das distintas condições sociais. Mesmo defendendo a diversidade cultural e linguística, a autora reconhece o papel emancipatório da língua padrão, como hegemônica e sua importância. Para alguns estudantes, argumenta ela, a língua padrão é como uma língua estrangeira. Cabe ao professor familiarizar o aluno com os usos de gêneros que não fazem parte de seu círculo social – “Nos eventos de letramento que lhe são familiares, ele não precisa do auxílio das práticas pedagógicas escolares, salvo em situações em que essas práticas cotidianas são analisadas e revistas a partir de um prisma crítico (p.53)”.

Apesar da luta contra as tentativas de homogeneização, os multiculturalistas acabam aceitando a universalização do capitalismo, que produz a homogeneização da cultura, sendo assim, conforme afirmam Duarte e Martins (2013) - “A retórica da diversidade cultural é cada vez mais explicitamente a outra face do processo de subordinação de todos os países e todas as dimensões da vida humana à dinâmica socioeconômica capitalista (p. 64)”.

Enquanto os multiculturalistas e demais modalidades de pensamento pós-moderno insistem na falsa opção entre etnocentrismo e relativismo cultural (Duarte, 2010), o fato histórico incontestável é que o capitalismo se impõe ao mundo inteiro, seja por força da assim chamada economia globalizada, seja por força das ações militares da Organização do Tratado do Atlântico Norte sob o comando do imperialismo altamente beligerante dos Estados Unidos da América (p.64). É importante abordarmos esse assunto para pensarmos em como o multiculturalismo na educação pode exercer sua influência na formação dos indivíduos. Sem uma crítica mais profunda, podemos correr o risco de reproduzir discursos e práticas sem compensá-las.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





Fica então posto a importância da ampliação do repertório do estudante. Gêneros e práticas de letramento que já lhe são familiares podem ser utilizados com objetivos de possibilitar análises críticas, mas a escola não precisa ensinar o que já faz parte de seu cotidiano. Muito já é tirado justamente dos que têm menos. O multiculturalismo e o relativismo epistemológico afetam principalmente as escolas públicas, em especial as de periferia, podendo trazer sérias consequências de aprofundamento das diferenças sociais, de exclusão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do códex à imprensa, da imprensa aos dispositivos eletrônicos e à inteligência artificial, muito percorremos e semelhantes processos foram experimentados pela humanidade. Não se pode afirmar exatamente de onde surgem as demandas, tendo em vista a totalidade do desenvolvimento da sociedade, a educação pode impulsionar novas formas e necessidades de tecnologias, as quais influenciam e são influenciadas pela economia. No centro dos acontecimentos das instituições está a escola. Cabe a ela preparar o indivíduo para o pleno exercício da cidadania. Essa participação requer a consideração das novas práticas sociais e usos da linguagem para participar da cultura e da cibercultura.

As tecnologias digitais ensejam novos suportes de leitura, novas formas de relacionamento online, que reflete no *off-line*, e novas formas de comunicação que, por sua vez, referem-se a condições e situações específicas. Nesse contexto, surgem novas perspectivas de letramento e de pedagogias que sustentem práticas pedagógicas específicas, como o letramento digital e a pedagogia dos multiletramentos, a última influenciada pelo multiculturalismo na educação.

Preparar nossos alunos para o “dilúvio informacional”, termo usado por Lévy (1999) para explicar o volume de informações e materiais produzidos na web que não param de aumentar. A humanidade está no caminho certo para sua hominização? Não podemos afirmar, como Lévy (1999) o faz. Apesar de muito otimismo em algumas teorias e pessimismos em





outras. Precisamos de concepções claras e buscar o entendimento da essência dos fenômenos. Para tanto, precisamos ir além da reprodução de discursos de relatórios mundiais para educação, além de produções científicas desconectadas da historicidade e organização do sistema ou não pautadas nas teorias sobre o funcionamento da mente humana.

Também é fato que não podemos colocar as tecnologias digitais como inimigas, mas como aliadas. Não colocar mais expectativa do que elas realmente podem promover para a educação. São instrumentos e sua efetividade dependerá da perspectiva pedagógica, da intencionalidade educativa e das concepções acerca da educação.

Como educadores temos o importante papel de promover a emancipação, mesmo que muitos possam dizer que ela não existe no sistema em que vivemos. Essa emancipação está ligada a uma inserção social em todos os aspectos, de maneira consciente e crítica, que permita que o estudante faça suas escolhas na vida e no mundo do trabalho, consciente de suas ações. Sem perder de vista os valores éticos, estéticos e políticos dos quais a educação deve primar. Por fim, as discussões teóricas apontam para a necessidade de estudos que desvelem como as tecnologias digitais podem influenciar o modo como as pessoas aprendem, os comportamentos e relacionamentos e as consequências para o desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

BRAGA, D.B. **Ambientes Digitais**. São Paulo: Cortez Editora, 2013, p.58-72 (Tecnologias e mudanças no modo de ensinar e aprender)

BURKE, P. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da escrita. **Estudos Avançados**, n. 44, v. 16, São Paulo, 2002. Disponível em <http://escritoriolivro.com.br/historias/burke.html>. Acesso em maio 2026.

CANDAU, Vera Maria F. Diferenças Culturais, cotidiano e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011.





CHARTIER, R. **Do Códex à Tela: as trajetórias do Escrito**. In: A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UNB, 1999. P.95-111.

DUARTE, Newton; MARTINS, Lígia Márcia. **As contribuições de Aleksei Nikolaevich Leontiev para o entendimento da relação entre educação e cultura em tempos de relativismo pós-moderno**. In: FERRO, Olga Maria dos Reis; LOPES, Zaira de Andrade (Org.). Educação e Cultura: Lições históricas do universo pantaneiro. Campo Grande: UFMS, 2013. P.43-79.

LÉVY, P. **Dilúvios**. In: Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da costa. Editora 34, São Paulo, 1999. 264p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. Recife: Editora da UFPE-CNPq, 2003.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Campinas/SP: Autores Associados, 2013.

NARVÁEZ, Eleazar. Uma mirada a la escuela nueva. Educere. Vol. 10, n. 35, Octubre-Diciembre, 2006, pp. 629-636.

ROJO, Roxane H. R. **Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola**. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32

TURCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

XAVIER, A. C. S. **Letramento Digital e Ensino**. In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. (Org.). Alfabetização e Letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: 2007. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em maio 2026.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Recebido em: 02/05/2026

Aprovado em: 07/05/2026

Publicado em: 14/05/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

